

**OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE****A tradição já não é o que era!**

O conflito de interesses campeia, a ética escasseia, a fraude e a corrupção alastram. O Estado é efeito e causa da degradação

**Carlos Pimenta**

1. A renda é um rendimento que resulta da cedência temporária do usufruto de um direito de propriedade. Sem trabalho, concorrência, inovação tecnológica, iniciativa empresarial. A sua difusão tende a criar parasitismo social, associando-lhe o Estado. Há, então, um ambiente favorável à corrupção. Uma “sociedade rendeira”, assente na busca da renda (rent-seeking), revela pouco empenho na produção de riqueza e muito afã na sua apropriação e distribuição, com forte concentração da propriedade.

Os estudos têm concluído que as economias rendeiras tornam as sociedades pouco eficazes para a construção de um futuro melhor, pouco respeitadoras dos direitos humanos, pouco propícias ao empreendedorismo, insusceptíveis de gerar um desenvolvimento social, humano e ético. Muitas vezes, é a explicação da “maldição dos recursos naturais”: países com enormes riquezas naturais geram subdesenvolvimento e miséria.

Estudos politicamente validados por instituições internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, consideram que tais países, onde campeiam o clientelismo e a corrupção, não são credíveis e assumem, por vezes, formas de cleptocracia – um ambiente eticamente poluído que cria um espaço de criminalidade, de decomposição do capital social (das relações de confiança na sociedade).

Nós, países capitalistas desenvolvidos, vos excomungamos, ó economias rendeiras, espalhadas por mundos (terceiro ou outros) que não aceitamos!

2. Nós, países capitalistas desenvolvidos, somos os herdeiros da revolução industrial, da ciência e da inovação, da razão e da ética, da acumulação de riqueza como nunca existiu em milénios de história. Herdeiros da sociedade contratual preñhe de confiança, dos ciclos virtuosos do desenvolvimen-

to económico.

Mas a tradição já não é o que era! A incapacidade de olhar para o que somos é manifesta.

Novos cavaleiros do apocalipse pelem, em nome da sagrada liberdade, contra a liberdade democrática, e nada será igual ao que era dantes.

3. A crescente importância da banca e dos mercados financeiros na actividade económica globalizada e na apropriação do quotidiano de cada um de nós, a subestimação das actividades económicas produtivas (a que dedicam 1% do seu tempo) e a relevância da economia paralela mudaram, nas últimas décadas, a nossa realidade. Do passado restam as ilusões e o simbólico ideológico.

Stiglitz, em “O Preço da Desigualdade”, revela a brutal desigualdade económica e social em expansão nos países desenvolvidos, profundamente associada à expansão da economia rendeira. Prática dos mais ricos, interligação entre estes e o Estado, menor concorrência e ética, negligente aplicação das leis, directores executivos e advogados sem escrúpulos, empréstimos pre-

datórios dos bancos e degradação do capital social são alguns dos exemplos apresentados. Conclui: “O capitalismo moderno tornou-se um jogo complexo, e os que o vencem têm (...) também de ter (...) características (...) menos admiráveis: a capacidade de contornar a lei, ou de moldar a lei a seu favor, a vontade de tirar vantagem dos outros, até dos mais desfavorecidos, e de jogar sujo quando necessário” (p. 99).

O conflito de interesses campeia, a ética escasseia, a fraude e a corrupção alastram. O Estado é efeito e causa da degradação.

4. A economia rendeira é o plâncton onde mergulham as nossas vidas. Saibamos observar de forma diferente o nosso mundo.

Para que os mais ricos progridam na sua maratona olímpica, os povos caminham no precipício da sua subvalorização e da pobreza.

*Escreve à sexta-feira*

**A pobreza como consequência da progressão da riqueza**

Rodrigo Cabrita

**SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Primavera...*

Estas não podem ser só “Sessões Contínuas” de desânimo e desespero. Quando se procura um tema para uma nova crónica, o que se nos depara em redor é quase sempre confrangedor, quer se olhe política, económica ou socialmente o país. Criticar as infâmias, os excessos, as irregularidades, as falhas, as incompetências, enfim, este caudal de tristezas que se abateu sobre Portugal, é indispensável, mas que diabo!, temos de dar a nós próprios uma pausa, já que ninguém nos dá nada, só nos tiram.

Mesmo com a bolsa de cordões bem puxados, ainda se come e se dorme numa cama, não se sabe bem até quando, mas ainda se resiste com o mínimo de comodidades. Falo do meu caso, sei que há outros, muitos outros, que nem isso podem dizer. Mas a vida continua, apesar de tudo o que nos roubam dia a dia.

Não me roubaram ainda o prazer de rever duas obras-primas do cinema: “Eva”, de Mankiewicz, e “Breve Encontro”, de David Lean. Revi-as rodeado de muita gente que também gosta de cinema, de bom cinema. O que é um prazer duplo. A Primavera aproxima-se e o sol começa a espreitar. Não sou muito de ir à praia, mas gosto de perceber a alternância das estações, agora frio, agora calor, e estamos cá, os que estão, a gozar deste privilégio de viver.

À noite, deito-me e estou a ler um romance belíssimo, “Os Memoráveis”, da Lídia Jorge. Nos últimos tempos tenho lido tanta coisa boa de portugueses, o que anima o espírito. Valter Hugo Mãe, Afonso Cruz, Margarida Acciulli, Rita Ferro e alguns mais. É bom que assim seja. O teatro também não vai mal. Pessoalmente, fui ao Cartaxo ver esta semana uma estreia de mais uma encenação do meu filho Frederico, “Bisavó de Pistolas à Cinta”, uma adaptação de um conto de Alice Vieira por uma companhia comunitária. Belo espectáculo, e a certeza de que há muita gente a gostar de teatro só por amor. Amadoristicamente, no melhor sentido. Depois, o Sporting ganhou ao Porto (com um golo em off side, o que é muito bom para os outros perceberem o que nós sentimos quase semanalmente), o Benfica ganhou ao Tottenham e o Porto ao Nápoles (não sei os resultados da segunda volta). Uma semana em que todos tiveram alguma coisa para comemorar. Nada mal. Ainda por cima, alguns banqueiros viram os seus casos em tribunal aproximar-se da prescrição. Coitados dos banqueiros, finalmente uma alegria! Para a semana haverá um agravamento de cortes nos ordenados e pensões. Mas isso é só para a semana.

*Escreve à sexta-feira*